

Entre humanos e máquinas: midiatização, inteligência artificial e plataformização

Between humans and machines: mediatization, artificial intelligence, and platformization

Jullena Normando
junormando@gmail.com
Orcid: 0000-0003-4390-7211

Publicitária, Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Goiás.

Luiz Signates
signates@ufg.br
Orcid: 0000-0001-9348-9295

Professor associado III da Universidade Federal de Goiás, junto ao Mestrado/Doutorado em Comunicação, na linha Mídia e Cidadania e docente efetivo do Mestrado/Doutorado em Ciências da Religião, na linha Cultura e Sistemas Simbólicos, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Orientador do trabalho.

Resumo

Este texto analisa, em perspectiva metateórica, como a inteligência artificial e os algoritmos das plataformas digitais reconfiguram os processos de significação e circulação do conhecimento na sociedade midiatizada. A partir de autores como Ferrara, Braga, Gillespie, Luhmann e Fourcade, argumenta-se que os algoritmos operam como dispositivos simbólicos e classificatórios que moldam a visibilidade, a relevância e os regimes de verdade nos ambientes digitais. Discutem-se ainda os limites da comunicabilidade com sistemas não humanos, os efeitos da racionalidade algorítmica sobre a produção de sentido e as tensões entre previsibilidade técnica e invenção comunicacional. Ao final, propõe-se compreender essas tensões como um caminho para interpretar criticamente os impactos da IA na comunicação contemporânea.

Palavras-chave: inteligência artificial, midiatização, plataformização.

Abstract

This article presents a metatheoretical analysis of how artificial intelligence and platform algorithms reconfigure meaning-making and the circulation of knowledge in a mediatized society. Drawing on authors such as Ferrara, Braga, Gillespie, Luhmann, and Fourcade, it argues that algorithms act as symbolic and classificatory devices shaping visibility, relevance, and regimes of truth in digital environments. The discussion also addresses the limits of communication with non-human systems, the effects of algorithmic rationality on meaning production, and the tensions between technical predictability and communicational invention. In conclusion, it suggests that recognizing these tensions offers a way to critically understand the impact of AI on contemporary communication.

Keywords: artificial intelligence, mediatization, platformization.

1 Introdução

A crescente plataformização da comunicação e a ascensão da Inteligência Artificial (IA) têm transformado profundamente os processos de produção, circulação e validação do conhecimento na sociedade contemporânea. No contexto da midiatização, essa nova configuração comunicacional não apenas reorganiza fluxos informacionais, mas também redefine as relações entre mídia, tecnologia e interação social. Nesse cenário, os algoritmos não são meros mecanismos técnicos, mas agentes estruturantes da comunicação, operando como mediadores da visibilidade, da relevância e do controle simbólico das informações que circulam no ambiente digital. Diante desse panorama, surge a seguinte questão-problema: “como a inteligência artificial e os algoritmos das plataformas

digitais reconfiguram os processos de significação e circulação do conhecimento na sociedade midiatizada?”

A relevância dessa investigação se justifica pela centralidade que as plataformas digitais e a IA assumiram na organização dos discursos públicos e nas disputas pelo reconhecimento social. Se, por um lado, essas tecnologias possibilitam novas formas de interação, aprendizado e experimentação comunicacional, por outro, introduzem camadas invisíveis de regulação algorítmica (conforme interesses comerciais e políticos¹) que afetam diretamente a autonomia informacional dos sujeitos. Nesse sentido, compreender as tensões entre midiatização, inteligência artificial e plataformização é essencial para analisar os impactos dessas transformações nos modos de produção e circulação do conhecimento.

O objetivo deste artigo é oferecer uma análise metateórica dos tensionamentos comunicacionais provocados pela interseção entre midiatização, IA e algoritmos das plataformas

¹ A respeito disso, ver: VENTURA, Rafael. ChatGPT quer virar arma de Trump na disputa contra a China. *The Intercept Brasil*, [S. l.], 7 jul. 2025. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/07/07/chatgpt-quer-virar-arma-de-trump-na-disputa-contra-a-china/>. Acesso em: 14 jul.

2025. A reportagem documenta como a OpenAI propôs ao governo dos EUA o uso geopolítico da IA, condicionando o acesso global a critérios estratégicos.

digitais. A partir de autores como Ferrara, Braga, Luhmann, Gillespie, Fourcade, Kowalski, Gurevich e Signates, argumenta-se que os algoritmos atuam como operadores simbólicos que não apenas mediam, mas instauram novas formas de ordenar o mundo social. Essa ordenação, muitas vezes invisibilizada sob o discurso técnico, opera por meio de acoplamentos estruturais com os sistemas sociais, nos termos de Luhmann (2016), instaurando zonas de incomunicabilidade, previsibilidade e reorganização do sensível.

Metodologicamente, este estudo adota uma abordagem teórico-conceitual fundamentada na perspectiva metateórica, conforme proposta por Luiz Signates (2025) e que começa a ser aplicada pelos autores deste trabalho, ao problema comunicacional fundado pela crescente atuação das IAs (Normando; Signates, 2025).

O texto está estruturado em cinco seções principais: (1) uma fundamentação teórica da midiatização como processo comunicacional não reduzível à técnica; (2) a análise dos algoritmos como agentes semióticos e políticos; (3) a discussão sobre o papel das plataformas digitais na constituição de regimes epistêmicos; (4) uma investigação sobre as tensões entre previsibilidade algorítmica e invenção comunicacional; (5) e uma conclusão metateórica sobre os limites e possibilidades da comunicação mediada por IA.

2 Midiatização e o conhecimento na Era Digital

A interseção entre inteligência artificial, midiatização e plataformização pode ser analisada a partir das contribuições de Jairo Ferreira, Lucrécia Ferrara, José Luiz Braga e Tarleton Gillespie, cujas reflexões permitem compreender como os processos comunicacionais são reconfigurados enquanto processo relacional, histórico e situado. Este processo é tensionado por mediações técnicas, mas não redutível a elas. Em vez de operar como simples canais de transmissão, os meios digitais (especialmente os algoritmos) constituem ambientes simbólicos que atravessam, moldam e reorganizam os modos de interação social e os circuitos de produção de sentido.

De acordo com Ferrara (2022), a midiatização constitui um dos elementos centrais dos debates em comunicação, configurando uma matriz de tensionamentos epistemológicos que desafiam as abordagens tradicionais da área. Esse caráter inovador da midiatização implica que não basta reconhecer que a comunicação constrói a realidade social; é necessário entender como essa construção ocorre e quais são seus impactos para a produção do conhecimento. Nesse sentido, os processos de comunicabilidade, fornecem uma “base adequada a uma ciência que, aderente ao seu fazer ou acontecer, elege o domínio empírico como instância inicial e sugestiva para a produção de inferências teórico-interpretativas [sobre a circulação da informação]” (Ferrara, 2022, p. 17).

A teoria da midiatização, ao incorporar os efeitos das tecnologias digitais sobre os modos de comunicação, recusa explicações centradas exclusivamente na lógica técnica. Conforme argumenta Ferrara (2022, p. 18), retomando a perspectiva de Braga, há uma transição da aprendizagem para a

invenção, “que supõe descoberta e risco de errar ao propor tentativas hipotéticas e, sobretudo, inferências que se direcionam para possíveis descobertas, elaboradas e em germe nas anteriores tentativas”. Essa perspectiva destaca o caráter não linear da construção do conhecimento e reforça o papel das interações comunicacionais como locus de invenção social.

Braga (2022) complementa essa análise ao observar que os momentos de inflexão tecnológica, como a introdução massiva de algoritmos no cotidiano, não apenas trazem novas ferramentas comunicacionais, mas provocam reordenações mais amplas nos padrões de convivência. Segundo o autor, desenvolvimentos intensivos de potencialidades interacionais geram uma instabilidade social mais ampla - exigindo uma fase mais ou menos longa de reajuste de processos sociais. Nessa perspectiva, os meios não atuam isoladamente, mas com as dinâmicas culturais, reorganizando práticas, temporalidades e formas de pertencimento.

A emergência da inteligência artificial como mediadora simbólica intensifica esse processo de reconfiguração comunicacional, ao intervir não apenas na ordenação algorítmica da informação, mas na criação de conteúdos, na produção de relevância e no enquadramento do que é percebido como saber legítimo. Nesse ponto, as contribuições de Tarleton Gillespie são fundamentais para compreender como as plataformas digitais não apenas mediam, mas modelam ativamente os fluxos comunicacionais e os critérios de visibilidade pública. Como afirma o autor, “as plataformas estão intimamente envolvidas nas trocas que afirmam apenas facilitar” (Gillespie, 2021, p. 667, *tradução nossa*)², ou seja, sob o argumento da praticidade, elas organizam, estruturam e modulam aquilo que pode ser visto, dito e reconhecido como relevante.

Mais do que mediações técnicas, essas arquiteturas algorítmicas operam como dispositivos normativos que, como observa Langlois (*apud* Gillespie, 2014, p. 15, *tradução nossa*), “têm o poder de permitir e atribuir significância, gerenciando como a informação é percebida pelos usuários, a ‘distribuição do sensível’”³. Isso significa que os algoritmos, longe de atuarem como instrumentos neutros, operam sob lógicas próprias de seleção, antecipação e exclusão, que Gillespie denomina de “relevância pública do algoritmo”, ou seja, mecanismos que não apenas filtram dados, mas definem o que conta como conhecimento, como deve ser conhecido e quem está autorizado a saber (Gillespie, 2021, p. 667).

Gillespie (2021) sustenta que as plataformas são “instituições que ocupam a posição intermediária” (middle position) e que, ao moldarem a distribuição da informação, devem ser entendidas como novos tipos de mediação institucional comparáveis à imprensa, à radiodifusão ou à ciência. Ao serem incorporadas ao cotidiano das interações sociais, essas plataformas deixam de ser apenas meios e tornam-se ambientes de significação, com regimes próprios de visibilidade, normatividade e performatividade.

Compreender, então, a inteligência artificial e os algoritmos não como meras ferramentas técnicas, mas como instâncias ativamente envolvidas na produção comunicacional de mundo,

² Original: In other words, platforms are intimately involved in the exchange they claim to merely facilitate.

³ O autor usa a seguinte formulação de Ganane Langlois (2012) para reforçar seu argumento sobre a dimensão normativa dos algoritmos.

Original: They are now a key logic governing the flows of information on which we depend, with the ‘power to enable and assign meaningfulness, managing how information is perceived by users, the ‘distribution of the sensible.

implica deslocar o olhar da técnica para os modos como ela é enredada nas práticas sociais e como seus interesses econômicos e políticos atuam nesse processo.

Portanto, a midiatização, tal como proposta por Ferrara, exige que se abandone o modelo transmissivo da comunicação, uma vez “a midiatização enquanto consequência dos meios comunicativos vai além deles e da própria comunicação” (2022, p. 21). Assim, a emergência da IA como mediadora simbólica das interações representa não apenas uma ampliação técnica, mas uma inflexão na própria natureza da comunicabilidade.

2 Plataformização, Algoritmos e Disputas pelo Controle da Informação

A midiatização, conforme indica Ferrara (2022), deve ser vista como um experimento social contínuo, onde a invenção desempenha um papel central. A autora destaca que, enquanto criador dos meios técnicos, o ser humano não apenas inventa novas tecnologias, mas também as critica e se adapta a elas, transformando a comunicação em um campo de experimentação. Esse aspecto é particularmente visível no fenômeno da plataformação, onde as infraestruturas digitais oferecem novas affordances que possibilitam tanto a inovação quanto o reforço de padrões preexistentes.

Gillespie (2010, 2014, 2021) enfatiza que as plataformas digitais operam como mediadores ativos da circulação da informação, organizando, classificando e regulando conteúdos de forma sutil, mas determinante. Portanto, ao operar como curadores da informação, os algoritmos das plataformas determinam quais conteúdos ganham visibilidade e quais são marginalizados, criando um ecossistema informacional altamente regulado por lógicas algorítmicas.

A centralidade dos algoritmos na organização da comunicação contemporânea não pode mais ser compreendida apenas como questão técnica ou de eficiência computacional. Em outras palavras, os algoritmos, ao operarem em larga escala nos sistemas plataformaizados, reconfiguram as possibilidades de percepção, interação e conhecimento.

Gillespie (2014) analisa os algoritmos como dispositivos centrais da governança informacional no ambiente digital. Longe de serem mecanismos neutros de organização de conteúdos, eles afetam diretamente a forma como percebemos o mundo e interagimos socialmente. Eles funcionam como operadores de visibilidade e de invisibilidade.

Em termos comunicacionais, os algoritmos, portanto, tensionam comunicabilidades (articulações que fazem os usuários “acessarem”, “verem” ou “interpretarem” sentidos específicos) e incomunicabilidades (articulações que “ocultam”, “negam”, “ignoram” outros sentidos possíveis), sendo, ambos os polos desse tensionamento, indispensáveis para a compreensão da processualidade e dos efeitos da algoritmização do mundo. Para o autor: “Os algoritmos são agora uma lógica-chave que governa os fluxos de informação dos quais dependemos, com implicações sobre como conhecemos o mundo, como interagimos com os outros e como nos expressamos.”

Tal atuação se ancora em uma rationalidade algorítmica que não apenas organiza dados, mas governa comportamentos. A definição clássica de Robert Kowalski (1979), para quem “algoritmo é igual a “lógica + controle””, ajuda a compreender essa estrutura. A operação algorítmica consiste em uma formulação lógica de problemas associada a estratégias de controle, que definem condições, limites e objetivos. A distinção proposta por Kowalski entre a dimensão lógica e o controle da execução permite compreender que a essência de um algoritmo está mais na formulação do problema (lógica) do que na sua implementação (controle). “Em nossa visão, o algoritmo que resolve um problema é um programa expresso na linguagem da lógica juntamente com uma estratégia de controle” (Kowalski, 1979, p. 5, *tradução nossa*)⁴.

Essa concepção permite separar conhecimento declarativo (o que deve ser feito) de procedimento operacional (como fazê-lo), aspecto fundamental na lógica dos sistemas de IA contemporâneos. A arquitetura algorítmica permite inferir e executar ações com base em objetivos definidos, mas também abre margem para novas formas de controle técnico e político. Essa arquitetura algorítmica, portanto, não apenas executa funções, mas governa comportamentos e modela interações, introduzindo formas sutis de controle simbólico.

David Parnas, ainda em 1966, alertava para o risco de se limitar o pensamento ao formato algorítmico, especialmente na formação de engenheiros e cientistas da computação. Segundo ele, “se ele [o estudante] for apresentado a uma visão estreita da área de ciência da computação ao iniciar-se na disciplina, isso se refletirá em uma capacidade reduzida de pensar de novas maneiras e de se adaptar a novas ideias”. Essa advertência torna-se ainda mais relevante na era das inteligências artificiais gerativas, em que a lógica algorítmica não apenas estrutura a operação dos sistemas, mas também influencia os modos de conhecer, interagir e decidir.

A definição do que é um algoritmo permanece, até hoje, um ponto de debate entre estudiosos da computação, da lógica e da filosofia da tecnologia. Segundo Yuri Gurevich (2011, p. 02), “Não há uma definição geralmente aceita de algoritmo”, o que revela a persistente polissemia conceitual em torno do termo, mesmo após décadas de avanços técnicos. Isso se deve, em parte, à multiplicidade de abordagens (lógicas, matemáticas, computacionais, práticas) que cercam o conceito, mas também à historicidade de seu uso, que foi se transformando à medida que novas tecnologias foram sendo incorporadas aos sistemas sociotécnicos contemporâneos.

Essa indefinição não é meramente epistemológica, mas tem implicações políticas e comunicacionais, já que diferentes concepções sustentam distintas formas de operação, de regulação e de poder simbólico sobre os processos sociais mediados por algoritmos.

A redução da complexidade social a fluxos computáveis, se não for acompanhada de uma reflexão crítica sobre seus limites epistêmicos e comunicacionais, pode comprometer a capacidade humana de formular alternativas, disputar sentidos e reconfigurar coletivamente os horizontes do possível. Em outras palavras, o risco não está apenas na tecnologia, mas na maneira como a naturalizamos como epistemologia.

⁴ Original: In our view, the algorithm which solves a problem is a program expressed in the language of logic together with a control strategy.

É nessa ambiguidade que os algoritmos ganham força simbólica. Eles funcionam como operadores semióticos que estruturam o sensível e o inteligível. Ferreira (2022), ao abordar os algoritmos como signos lógicos estruturantes e estruturados,

que se materializam em meios/dispositivos, com potência de se constituírem, pelos usos sociais, sistemas de produção e consumo, em novo símbolo e poder, agenciando imaginários e apreensões do real construído, inclusive quando agenciam conteúdos e programação, indexando-os e mediando interações entre consumidores e produtores (Ferreira, 2022, p. 231-232).

O funcionamento algorítmico promove uma naturalização da racionalidade estatística como critério de ordenação do mundo social. O que se naturaliza, nesse processo, é a própria exclusão do imprevisto, do contraditório, do dissenso. O mundo ordenado pelos algoritmos é aquele onde a probabilidade substitui a incerteza e onde a média se impõe como padrão normativo.

Enquanto Gillespie evidencia essa dimensão política-institucional, Ferreira propõe uma abordagem semiótica estrutural, compreendendo os algoritmos como signos que moldam a percepção social. Eles não apenas organizam e indexam conteúdos, mas também operam como novos símbolos sociais, moldando percepções e influenciando a produção do conhecimento (Ferreira, 2022, p. 232). É possível, contudo, afirmar que a constituição efetiva de “novos símbolos sociais” exigiria que tais elementos fossem empiricamente visíveis e compreensíveis aos usuários — o que os algoritmos efetivamente não são —, razão pela qual talvez seja importante complementar que essa moldagem das percepções e interferências no conhecimento alteram os símbolos sociais de forma sub-reptícia e simulada, com sérias implicações éticas e políticas para as relações sociais por eles mediadas.

A relação entre midiatização e invenção também nos leva a refletir sobre como a tecnologia influencia a epistemologia da comunicação. Tal processo, porém, não ocorre sem desafios. Se a midiatização for reduzida a uma rotina liderada por códigos e modulações tecnológicas, há o risco, como aponta Ferrara (2022, p.19) de transformá-la em um hábito previsível e autoexplicativo, semelhante ao funcionamento dos algoritmos. Nesse cenário, os algoritmos não apenas mediam, mas produzem sentidos, operando como agentes semióticos que disputam, junto aos humanos, a autoridade sobre o visível, o dizível e o cognoscível.

3 Plataformas, dados e regimes de governança algorítmica

A midiatização contemporânea se realiza, então, em grande medida, por meio de plataformas digitais que operam como infraestruturas sociotécnicas para a produção e circulação de sentido. Gillespie (2010) destaca que a noção de “plataforma” é utilizada pelas empresas digitais como artefato discursivo estratégico, capaz de articular simultaneamente neutralidade, abertura e centralidade. Chamar-se de plataforma permite que

a empresa afirme ser, ao mesmo tempo, uma infraestrutura neutra e um agente ativo, capaz de moldar conteúdos que nela circulam e regular modos de interação.

Essa ambivalência é central para entender o poder das plataformas sobre os regimes epistêmicos. Elas não apenas intermedian conteúdos, mas produzem hierarquias de visibilidade, relevância e autoridade. Essa operação é, muitas vezes, invisibilizada sob a retórica técnica dos algoritmos, que, como se percebe, são agentes de curadoria que estruturam os circuitos de significação, estabelecendo o que pode ser conhecido, por quem e a partir de quais critérios.

A relação entre usuários e plataformas digitais é estruturada por uma “lógica de dádiva” que se disfarça de reciprocidade, mas se revela profundamente assimétrica. Como afirmam Fourcade e Klutzz (2020, p. 3, *tradução nossa*), “as tecnologias digitais são construídas para capturar os rastros do comportamento online dos usuários, e a maioria delas o faz sob o disfarce de serem presentes”⁵.

Ao oferecerem serviços gratuitos, as plataformas posicionam-se como benfeitoras, enquanto transformam dados aparentemente voluntários em ativos econômicos. Nessa “barganha maussiana”, como descrevem os autores, os usuários acreditam doar livremente, mas as plataformas detêm o controle exclusivo da categorização e monetização dessas “dádivas digitais”.

Essa assimetria é agravada pela lógica de extração contínua e opaca. Os dados se tornam matéria-prima de um regime algorítmico que classifica, antecipa e influencia comportamentos. Esse regime não apenas captura o social, mas o performa, atribuindo inteligibilidade e normatividade a partir da lógica computacional. É uma lógica do banimento das interfaces, que é o que se anuncia nos meios onde as IAs têm sido reinventadas, deve ampliar essa interferência e anular, até o limite, as possibilidades de agência, recusa ou crítica às práticas nas quais for inserida⁶.

Burrell e Fourcade (2021) propõem que vivemos em uma “sociedade dos algoritmos”, marcada por uma reorganização dos processos sociais a partir da lógica computacional. O impacto dos algoritmos não se limita à eficiência técnica, mas atinge os próprios modos de conhecer e de se relacionar com o outro. Como explicam as autoras, “processos algorítmicos também estruturam como as pessoas passam a conhecer e a se associar umas com as outras, e como as mediações técnicas se cruzam com a percepção e a produção do eu e da comunidade” (Burrell; Fourcade, 2021, p. 216, *tradução nossa*)⁷. Tais estruturas interferem diretamente nas formas de reconhecimento, mobilidade e subjetivação, participando da produção de regimes epistêmicos que operam por antecipação e padronização.

Ruppert, Isin e Bigo (2017, p. 02, *tradução nossa*) propõem o conceito de “política dos dados” como um campo de saber-poder em que dados não são apenas representações neutras, mas objetos de investimento, disputas e lutas por direitos. Segundo os autores, “definimos ‘política dos dados’ tanto como a formulação de questões políticas sobre esses mundos quanto

⁵ Original: Digital technologies are built to capture the traces of users’ online behavior, and most of them do so under the guise of being gifts.

⁶ É o que se pode observar e projetar a partir de movimentações de mercado, como o lançamento de produtos que objetivam diminuir a fruição dos usuários e, como argumento de venda, prometem ser presença, e não produtos. É o caso, por exemplo do Io, lançado pela Open Ai em

2025. Disponível em: https://youtu.be/rEAPBT6-TM?si=HkGkP8_zLr6jf1s5. Acesso em: 18 dez. 2025.

⁷ Original: algorithmic processes also structure how people come to know and associate with one another, and how technical mediations intersect with the perception and production of self and community.

como as formas pelas quais eles provocam os sujeitos a governar a si mesmos e aos outros por meio da reivindicação de direitos”⁸.

Essa definição desloca o foco da técnica para a disputa simbólica: os modos como dados produzem mundos, sujeitos e conflitos sociais, destacando a centralidade da disputa política sobre os significados e usos dos dados. Os dados, nesse contexto, não apenas descrevem o mundo: eles o instituem.

Dessa forma, a plataforma da comunicação — em que IA e algoritmos são os dispositivos técnicos privilegiados — deve ser entendida como um processo que reorganiza condições de produção e circulação do conhecimento social. Não se trata apenas de circulação de mensagens, mas da constituição de “regimes de verdade” mediados por infraestruturas que articulam técnica, mercado e poder. Tais regimes não são dados, mas construídos, e suas disputas atravessam tanto os códigos quanto os corpos e os discursos.

4 Invenção, tensões comunicacionais e limites da comunicabilidade

A midiatização, quando compreendida como experiência de invenção e não apenas como tecnicidade, revela-se atravessada por múltiplas tensões comunicacionais. Ferrara (2022, p. 21) propõe que a midiatização “instaura novos e outros processos interacionais que reinventam o mundo e as relações humanas, tornando evidente que não é consequência da circulação da comunicação transmissiva”. Nesse sentido, o que está em jogo é a própria reinvenção das formas comunicacionais, destacando que os meios não apenas mediam, mas reorganizam os modos de conhecer e significar.

Braga (2022) reforça essa leitura ao destacar que as novas tecnologias da comunicação geram situações de instabilidade nos padrões interacionais e exigem a produção de novas estratégias sociais. Nesse contexto, o impacto da inteligência artificial e dos algoritmos introduz uma nova tensão: a entre invenção humana e automatização técnica. A presença de agentes computacionais que aprendem, operam e decidem com base em lógicas estatísticas e interesses comerciais opacos coloca em xeque a abertura comunicacional à imprevisibilidade, à diferença e ao dissenso.

A hipótese de que estamos lidando com um novo tipo de tensão - não apenas interacional, mas estrutural - ganha força quando observamos a relação entre sistemas sociais e dispositivos de IA à luz da teoria de sistemas de Niklas Luhmann. A inteligência artificial, enquanto sistema técnico, não participa diretamente da comunicação humana nos termos definidos pelas teorias que associam comunicação à produção de sentido.

Como esclarece Luhmann (2016), os sistemas técnicos não podem ser considerados participantes de processos comunicativos no mesmo sentido que sistemas psíquicos ou sociais. Essa distinção é essencial para compreender o papel da IA nas interações sociais. Conforme explicam Normando e Signates (2025, p. 19),

.../j sistemas tecnológicos, como as IAs, não participam do sistema social, mas criam perturbações que interferem ou até orientam mudanças sociais. Assim, é possível dizer que as IAs processam dados e geram respostas, mas não participam da comunicação social como um sistema comunicacional autônomo.

Nesse sentido, a relação humano-IA se mantém porque os humanos projetam sentido no funcionamento da IA, criando um acoplamento que afeta práticas comunicacionais: a IA gera simulações que afetam a percepção e as práticas comunicacionais humanas, mas sem que isso implique que ela própria comunique - no sentido da produção de sentido compartilhado. O que se instaura é uma simulação de interação, onde o processo comunicativo é mimetizado, mas não vivido em sua complexidade relacional e inventiva.

Tais simulações geradas pela IA parecem convergir para o que Ferrara (2022) aponta acerca do processo de midiatização. Em seus termos a

.../j midiatização é exercício recente que propõe, para a epistemologia da comunicação, um viés que contempla o próprio modo como a tecnologia e os meios propõem o desenvolvimento do conhecimento em comunicação. Midiatização é uma experiência de aprendizagem e como tal deve ser estudada, porém seu maior desafio concentra-se na capacidade de inventar. (Ferrara, 2022, p. 18).

É nesse ponto que a IA revela sua ambiguidade: ao mesmo tempo em que amplia o repertório de simulações comunicacionais, ameaça a abertura inventiva do processo comunicativo ao substituir a linguagem por padrões, a surpresa pela previsibilidade e a contingência pela estatística.

Essas tensões são também afetivas, como observam Spencer e Wyndo (2025), ao analisarem o uso crescente de IA para suprir carências relacional. Em 2025, a presença da inteligência artificial nos espaços de intimidade pessoal se intensificou, sobretudo entre os jovens. Segundo Spencer e Wyndo (2025), “Desde maio de 2025, mais de um terço das pessoas entre 18 e 24 anos nos Estados Unidos utiliza o ChatGPT” (s/p). Embora a ferramenta tenha sido concebida para aplicações funcionais, como escrita e codificação, seu uso como apoio emocional se expandiu. Como apontam os autores, “A terapia e o companheirismo tornaram-se os principais usos da IA generativa, superando as aplicações profissionais” (Spencer; Wyndo, 2025, s/p, tradução nossa)⁹.

Esse deslocamento do vínculo humano para a simulação algorítmica não apenas aponta para uma reconfiguração técnica da intimidade, mas para a colonização da esfera afetiva por mecanismos de previsibilidade. O que se revela nesse cenário não é apenas o avanço tecnológico, mas um sintoma da carência de conexão humana autêntica e da disposição crescente de substituí-la por simulações algorítmicas de escuta e afeto.

5 Para uma metateoria das tensões comunicacionais

A intersecção entre midiatização, inteligência artificial e plataforma desafia os modelos tradicionais de análise comunicacional, exigindo a formulação de uma abordagem que

⁸ Original: we define ‘data politics’ as both the articulation of political questions about these worlds and the ways in which they provoke subjects to govern themselves and others by making rights claims.

⁹ Original: Therapy and companionship have become gen AI’s dominant use case, surpassing professional applications.

vá além da descrição funcional das tecnologias e adentre o plano das estruturas, das tensões e das invenções simbólicas. A IA não é apenas uma ferramenta de mediação, mas um sistema autônomo, opaco e estatístico que, ao operar com base em dados e padrões, reconfigura as condições de comunicabilidade, visibilidade e reconhecimento social.

Como demonstrado ao longo deste artigo, os algoritmos operam não só como filtros de informação, mas como dispositivos classificatórios que ordenam a sociedade, moldam formas de interação e estabelecem regimes de autoridade epistêmica (Fourcade; Burrell, 2021). Gillespie (2010) mostrou que a retórica da neutralidade das plataformas mascara uma ação política contínua sobre os fluxos de conteúdo, enquanto Kowalski (1979) e Gurevich (2011) evidenciam que os próprios fundamentos conceituais dos algoritmos são objetos em disputa, carregados de decisões culturais, cognitivas e técnicas.

No plano da invenção, Ferrara (2022, p. 19) nos lembra que a midiatização é

.../ uma experiência voltada para o inventar, é necessário entender que a invenção é risco que deve contar com as imprevisibilidades que limitam todas as certezas e fazem da experiência uma aventura, feita de tentativas produzidas na transversalidade do conhecimento estabelecido.

Nesse sentido, uma forma de aprender a viver o inédito e o não explicável, o que implica uma abertura à complexidade e à diferença. No entanto, quando essa inventividade é capturada pelas dinâmicas algorítmicas que privilegiam previsibilidade, personalização e atenção constante, acontece um estreitamento dos horizontes comunicacionais. Como advertem Normando e Signates (2025), a sofisticação da IA está em sua capacidade de simular linguagem e interação, mas não de produzir sentidos no campo da intersubjetividade comunicacional.

A teoria de sistemas de Luhmann (2016) nos oferece a chave para compreender essa dinâmica a partir do conceito de acoplamento estrutural. A IA e os algoritmos não são sujeitos comunicantes, mas sistemas que se irritam com o sistema social e reagem a ele com base em lógicas próprias. Essa diferença de operação gera circuitos de tensão: o humano opera pela linguagem, pelo sentido, pela contingência; o algoritmo, pela lógica, pelo padrão, pela previsibilidade.

Dante disso, uma conclusão metateórica deve reconhecer que os limites da comunicação mediada por IA não estão apenas em sua origem técnica, mas em sua lógica de funcionamento estruturalmente distinta da produção de sentido humano. A proposta de uma metateoria das tensões comunicacionais (Signates, 2025) aparece como possibilidade de leitura crítica e integradora das diversas camadas que compõem o fenômeno: técnica, simbólica, epistemológica e política. As tensões comunicacionais não são obstáculos, mas componentes estruturais do processo comunicacional em ambientes complexos e mediados por sistemas técnicos. Elas não devem ser eliminadas, mas interpretadas, acolhidas e, sobretudo, visibilizadas.

A comunicação midiatizada contemporânea - marcada pela presença da IA, pelo domínio das plataformas e pela lógica algorítmica - é, antes de tudo, uma ecologia de tensões. Compreendê-la exige não apenas mapear seus elementos, mas

construir ferramentas conceituais capazes de dar conta da complexidade de seus circuitos, das ambivalências de seus regimes e da imprevisibilidade de suas invenções.

Uma abordagem metateórica da atuação das IAs no contexto das sociedades em midiatização permite avançar na tese de que os fluxos comunicacionais estabelecidos pela relação entre mídia, tecnologia e interação, mediada pelos algoritmos, não constituem uma avenida de livre tráfego. Tais fluxos são permeados por disputas, restrições e reorganizações, uma vez que os elementos técnico, simbólico e social provêm de sistemas distintos, que funcionam de maneira mutuamente irritante, mas não comunicável.

A própria relação humano/não-humano traz consigo um grau ponderável de complexidade, a ponto de podermos afirmar, como o fizemos em recente estudo (Normando; Signates, 2025), que a relação entre ambos não é comunicação, e sim o que, conforme Luhmann, seria um “acoplamento estrutural” (Luhmann, 2016). Nesse sentido, ainda procurando inferir um tratamento metateórico à questão, é possível supor que a mediação algorítmica atua como redutora de tensionalidades — tal como os sistemas luhmannianos reduzem complexidade — porém com efeitos ambíguos. Essa redução pode ser observada: a) no plano técnico, ao acessar bases de dados e converter padrões estatísticos em linguagem simulada; b) no plano interacional, ao adaptar a produção de respostas às ações dos usuários, por meio de machine learning; c) no plano político-comercial, ao operar a serviço de interesses de plataformas, definidos por critérios opacos e empiricamente observáveis.

Paradoxalmente, ao reduzir certas tensões, os algoritmos produzem outras novas. Por exemplo: as tensionalidades entre comunicabilidades induzidas por escolhas algorítmicas e incomunicabilidades resultantes de padrões estatísticos que marginalizam temas ou sujeitos; ou ainda entre inovações que geram rupturas significativas e estabilizações normativas que as neutralizam.

A midiatização é, nesses casos, o contexto em que esses tensionamentos se reproduzem, operando circuitos comunicacionais cada vez mais complexos, em meio a acoplamentos estruturais incapazes de se comunicar, mas que se irritam mutuamente, interferindo no processo geral ou nos sentidos da própria dinâmica da midiatização em curso. Assim, os limites da comunicação mediada por IA não estão apenas na impossibilidade de produção de sentido pela máquina, mas na forma como ela reorganiza as condições de sentido possíveis. E, por outro lado, suas possibilidades não residem em sua suposta inteligência, mas na capacidade humana de interpretar, tensionar e ressignificar suas operações técnicas como parte do processo comunicacional.

O desafio é gigantesco - epistemológico, político, técnico e existencial. Mas temos razões para crer que a observação metateórica das tensões comunicacionais pode contribuir de modo decisivo para desvelar os regimes de mediação, os circuitos de incomunicabilidade e os potenciais inventivos da comunicação em tempos de IA.

Referências

BRAGA, José Luiz. *Sapiens... qui nesciat: a aprendizagem social e o Homo sapiens midiatizado*. In: FERREIRA, Jairo et al. (org.). *Sapiens midiatizado: conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022. p. 43-61.

- BURRELL, Jenna; FOURCADE, Marion. The society of algorithms. *Annual Review of Sociology*, v. 47, p. 213-237, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-soc-090820-020800>.
- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Midiatização: o que se diz e o que se pensa. In: FERREIRA, Jairo *et al.* (org.). *Sapiens midiatizado: conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022. p. 15-25.
- FERREIRA, Jairo. Semiose midiatizada e poder: interfaces para pensar os meios algorítmicos e plataformas. In: FERREIRA, Jairo *et al.* (org.). *Sapiens midiatizado: conhecimentos comunicacionais na constituição da espécie*. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2022. p. 213-235.
- FOURCADE, Marion; KLUTTZ, Fleur. A Maussian bargain: accumulation by gift in the digital economy. *Big Data and Society*, V. 7, Issue 1, January 2020. Socio-Economic Review, manuscrito não publicado, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2053951719897092>.
- GILLESPIE, Tarleton. Platforms. In: BLAIR, Ann *et al.* (ed.). *Information: a historical companion*. Princeton: Princeton University Press, 2021. p. 660-668.
- GILLESPIE, Tarleton. The politics of 'platforms'. *New Media & Society*, v. 12, n. 3, p. 347-364, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1177/1461444809342738>.
- GILLESPIE, Tarleton. The relevance of algorithms. In: BOCZKOWSKI, Pablo J.; FOOT, Kirsten A.; GILLESPIE, Tarleton (ed.). *Media technologies: essays on communication, materiality, and society*. Cambridge: MIT Press, 2014. p. 167-194. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262525374.003.0009>.
- GUREVICH, Yuri. What is an algorithm? *Communications of the ACM*, v. 54, n. 3, p. 5-6, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1145/2093548.2093549>
- KOWALSKI, Robert. Algorithm = Logic + Control. *Communications of the ACM*, v. 22, n. 7, p. 424-436, 1979. DOI: <https://doi.org/10.1145/359131.359136>
- LUHMAN, Niklas. *Sistemas sociais*: esboço de uma teoria geral. Petrópolis: Vozes, 2016.
- LUHMAN, Niklas. *Sistemas sociales*: lineamientos para una teoría general. Trad. Manuel María De la Fuente. México: Herder, 1998.
- NORMANDO, Jullena; SIGNATES, Luiz. Comunicação e inteligência artificial: interações, simulação e desafios éticos na IA generativa. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. *Anais [...]34º Encontro Anual da Compos*, Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, 10 a 13 jun. 2025.
- PACE, Jonathan. The concept of digital capitalism. *Communication Theory*, v. 28, n. 3, p. 254-269, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1093/ct/qtx009>
- PARNAS, David. "Algorithm" and "Formula". *Communications of the ACM*, v. 9, n. 4, p. 289, 1966. DOI: <https://doi.org/10.1145/365278.365286>
- PEREIRA, Paula Cardoso. *Futuros maquinícios: racionalidade e temporalidade nos algoritmos de Inteligência Artificial*. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2022.
- RUPPERT, Evelyn; ISIN, Engin; BIGO, Didier. Data politics. *Big Data & Society*, v. 4, n. 2, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1177/20539517177171>
- SIGNATES, Luiz. *Metateoria das tensões comunicacionais*. Goiânia: Cegraf/UFG, 2025.
- SPENCER, Michael; WYNDO, Alicia. *The loneliness economy of AI*. 2025. *No prelo*.
- VENTURA, Rafael. ChatGPT quer virar arma de Trump na disputa contra a China. In: *The Intercept Brasil*, [S. l.], 7 jul. 2025. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2025/07/07/chatgpt-quer-virar-arma-de-trump-na-disputa-contra-a-china/>. Acesso em: 14 jul. 2025.

Artigo submetido em 20/07/2025
Aceito em 18/12/2025